
Nota:

Recorte do Jornal Correio Popular

Matéria publicada na edição de 22 de Maio de 1981

tempos modernos, arte moderna grupo vanguarda

Dayz Peiróto Fonseca

Nos primeiros 50 anos deste século, a arte europeia já havia passado por nada menos que 15 movimentos de radical questionamento. Estrutura, formas, significado: são negados, analisados, reformulados. O absoluto da arte desaparece. No Brasil, ainda nos anos 40, até 50, cultivavam-se os valores culturais europeus do século 19. A arte entre nós só começa a se renovar com as informações que alguns pintores trazem de suas viagens de estudos ao exterior. A Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo, 1922, tenta implantar a idéia de uma arte moderna brasileira. Trinta anos mais tarde é que os artistas se vêm diante da grande necessidade de se colocarem ao nível das modernas obras apresentadas na I Bienal Internacional de São Paulo, 1951. Também, Campinas nos anos 50 é sacudida por um movimento de renovação. Um grupo de pintores tenta inaugurar aqui uma nova arte.

as origens

As origens desse movimento de renovação em Campinas surgem basicamente na atuação instigante de Thomaz Perina, que impôs sua pintura desde 1944, participando dos Salões de Belas Artes, conquistando os maiores prêmios em muitos deles. Apesar de ter iniciado numa época de predomínio da estética acadêmica, ele sempre considerou que o sentido da arte estava na criação de alguma coisa nova e pessoal, e não na fiel reprodução do modelo. Por volta do ano de 50, Thomaz Perina e seu amigo, Mário Bueno, começam numa atitude quase lúdica, a estilizar suas paisagens. Vão substituindo o modelo por um detalhe ou por uma idéia para conseguir um efeito diferente. Inconscientemente iniciavam o processo de afirmação de sua liberdade sobre a objetividade do modelo. A medida que as informações sobre a arte moderna vão se tornando mais diretas e frequentes, mais esses dois pintores se aprofundam em suas experiências de estilização. O contato com as obras apresentadas na I Bienal foi decisivo. Sentindo a necessidade de um trabalho mais consciente e refletido, fecham-se em seus ateliês na busca de novas soluções plásticas.

Thomaz Perina, enquanto professor de uma escola de arte acadêmica, sentia que precisava criar teorias e métodos — não para en-

sinar, como normalmente se fazia — mas para dar apoio ao aluno em suas próprias descobertas. Suas idéias sobre a arte também não deixam de influenciar alguns alunos de talento, que assumem a necessidade desse processo criativo questionador. Assim, Geraldo de Souza, Maria Helena Motta Paes e Francisco Biojone começam a colocar em xeque suas paisagens, naturezas mortas e figuras.

Em 1955-56 o ambiente artístico de Campinas encontrava-se tenso. A divisão entre o velho e o novo assumia formas definitivas. O grupo de Thomaz Perina, seus amigos e alunos, dão início a uma nova arte. Seus quadros, expostos no Saguão do Teatro Municipal, onde ainda se realizavam os acadêmicos Salões de Belas Artes, representam uma atitude de rebeldia aos velhos padrões da arte que ainda aqui se praticava.

Em 1957, chega Geraldo Jurgensen do Rio de Janeiro, onde terminara o curso de Arquitetura, trazendo novas experiências de exposições de arte contemporânea. E procura numa única exposição, unir suas novas idéias com as dos artistas que aqui já estavam trabalhando numa linha mais atual. O primeiro nome que lhe é indicado: Thomaz Perina. Ele acrescenta seus amigos Mário Bueno, Enéas Dedecca e seus alunos, Raul Porto fica sabendo dessa exposição e comparece com alguns desenhos.

São ainda convidados dois artistas italianos residentes em Campinas, Edoardo Belgrado, arquiteto e pintor, e Franco Sacchi, que na época, estava pintando os painéis da Igreja Nossa Senhora das Dores, no Cambui. Outros ainda são lembrados: Geraldo Décourt, de São Paulo, Ernesto de Bernardi, Mário Carneiro (do Rio) e Lélio Coluccini, escultor, então considerado um neo-clássico. No dia 4 de setembro de 57, inaugurava-se a I Exposição de Arte Contemporânea de Campinas, no Saguão do Teatro Municipal. Encerravam-se os Salões de Belas Artes, dando lugar as manifestações modernas.

a luta/guerrilha

Após a primeira exposição, os artistas passam a se reunir frequentemente nos ateliês de Sacchi, Belgrado, Biojone, para discussões e planos. O entusiasmo e as novas informações sobre a arte moderna trazidas por Belgrado tornam-se decisivas na definição de linha de ação e na organização do

grupo. Objetivo: criar a consciência da arte contemporânea em Campinas, através da existência dessa arte. Dando-se o nome de Grupo Vanguarda, passam a organizar a 2ª Exposição, que na verdade era a primeira do Grupo Vanguarda. Com a participação do jornalista e poeta Alberto Amêndola Heinzl, que havia se integrado ao grupo, redigem um histórico manifesto, contendo os princípios objetivos, estratégias. Com essa exposição, inaugurada no dia 29 de junho de 58, no andar térreo do Edifício Catedral, iniciava-se a nova fase das artes plásticas campineiras: a luta por uma arte contemporânea.

Ainda em 58, surge a oportunidade de um entrosamento com outro grupo de artistas que estavam se mobilizando por uma arte de vanguarda: a arte concreta. Além de um amistoso relacionamento com Décio Pignatari (poeta e grafista), Waldemar Cordeiro (artista plástico e crítico), Fiaminghi (artista plástico), que, mais experientes e em posição já bastante privilegiada em São Paulo, procuram dar todo o apoio aos artistas de Campinas. Primeiramente, articulam uma exposição na Galeria das Folhas de São Paulo, depois vêm a Campinas para intercâmbio, palestras, análises dos trabalhos. Cordeiro compreendia que além do valor dos trabalhos desses artistas, eles haviam criado uma grande força política, e isto deveria ser utilizado para que se projetassem em âmbito nacional. Em novembro de 58 Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Ronaldo Azeredo, poetas concretos comparecem para o encerramento de uma exposição do GV no Teatro Municipal. Essa exposição havia sido retirada em atitude de protesto e transferida para o ateliê de Franco Sacchi. Lá os poetas discutem os poemas (também concretos) de Alberto Amêndola Heinzl. Por fim, Décio Pignatari declara que aquela mostra de arte estava a altura do que se fazia em São Paulo e Rio. E que seus autores podiam sair sem medo da concha da província.

E o grupo parte para a primeira exposição em São Paulo, Galeria das Folhas, 30 de agosto de 59. Intitulou-se "Artistas de Campinas", e dela participaram: Thomaz Perina, Mário Bueno, Raul Porto, Geraldo Jurgensen, Geraldo de Souza, Franco Sacchi, Maria Helena Motta Paes. O crítico das

Folhas, José Geraldo Vieira escreveu que a surpresa não era a existência de artistas modernos em Campinas, mas a diversidade de sua arte: pintura, escultura, desenhos — e, tudo, comparável ao nível da mais recente arte europeia. Waldemar Cordeiro, a quem coube a apresentação em catálogo, afirmava que a mostra nada tinha de local, que, pelo contrário, chamava a atenção por trazer em si a complexidade da arte contemporânea. Essa arte que deveria ser vista sob um novo olhar, com novos fundamentos, principalmente, com um método de julgamento apoiado na história. Só assim o novo que ela contém — que é o que interessa — poderá ser caracterizado.

Nesse sentido, a pintura de Thomaz Perina afirmava o novo através do abstracionismo lírico, ao depurar ao extremo os elementos da paisagem. Franco Sacchi, da geometrização dos elementos da paisagem urbana; Raul Porto, das contradições ótico-geométricas, criando simultaneidade fundo-figura; Mário Bueno, da clareza e espontaneidade de suas composições abstratas, com poucas cores em desdobramentos; Geraldo de Souza, da economia de elementos em composições abstratas, atingida através de correlação de cores; Maria Helena Motta Paes, criando reforço dramático por empastes e rebocos em uma pintura tátil; e, Geraldo Jurgensen, como escultor, utilizando-se de movimentos e espaços vazados, com emprego de elementos concretamente definidos, com redes metálicas e arames.

E as exposições se seguem. Algumas ainda em São Paulo, outras em Minas e Rio. Em Campinas, vários locais tornam-se frente de luta do Grupo Vanguarda: o Teatro Municipal, o Centro de Ciências, Letras e Artes, a Galeria Aramar, especialmente criada. O Diário do Povo patrocina uma exposição no Saguão do Teatro Municipal; o Cordeiro Popular oferece a página Minarete, para ser, de certo modo, o veículo oficial do Grupo.

Com a demolição do antigo Teatro, o Grupo Vanguarda ficara também, sem um dos principais locais de suas apresentações. E passam a reivindicar um novo espaço. Em 1965, a Prefeitura Municipal concretiza esse espaço e o transforma em Museu de Arte Contemporânea. Com isso estavam asseguradas as atividades

da arte contemporânea na cidade. O Grupo Vanguarda é convidado para a exposição inaugural: 23 de março de 66.

No momento em que o MAC assume as atividades de artes plásticas locais, parece que, o Grupo Vanguarda, espontaneamente, como surgiu, começa a se dispersar. Seus artistas, independentes e personalidade de definida, continuam participando individualmente dos salões de arte, Bienais, e outras mostras. Em 1971, quando são convidados pela Prefeitura para uma exposição retrospectiva, como parte das atividades do dia da cidade, o Grupo Vanguarda já é considerado um grupo histórico.

vanguarda, velha guarda

O Grupo Vanguarda contou de forma definitiva e constante com os seguintes artistas: Thomaz Perina, Mário Bueno, Geraldo Jurgensen, Enéas Dedecca, Francisco Biojone, Raul Porto, Maria Helena Motta Paes, Geraldo de Souza e Franco Sacchi. Integrou-se ao grupo em 63, Bernardo Caro, Belgrado, Geraldo Décourt. Ernesto de Bernardi, membros fundadores, participaram — por diferentes motivos — de apenas duas ou três exposições. Belgrado afastou-se de Campinas em virtude de trabalho, retornando depois à Itália. José Armando Pereira da Silva, crítico de arte, participou do grupo por vários anos contribuindo principalmente com a divulgação através da página Minarete.

Se por um lado o grupo como atuação conjunta se dispersou, por outro, continua existindo uma grande amizade entre seus elementos radicados em Campinas. Thomaz Perina, Mário Bueno, Enéas Dedecca, Raul Porto, Francisco Biojone, Geraldo Jurgensen e Bernardo Caro, em plena produtividade, continuam realizando importantes exposições. Alguns com atividades mais diversificadas, como é o caso de Thomaz Perina e Geraldo Jurgensen, que tem deixado a marca de seu estilo em decoração de interiores, ornamentações arquitetônicas, cenografias Tranquilos e mais acomodados, não mais se colocam em perspectiva de competição: pintam porque querem pintar, e pintam porque — para eles — pintar é viver. E, como foram, continuam sendo: o batalhão de frente das artes plásticas de Campinas. Vanguarda, velha guarda.